



CLAUDIO GATTI/AG. ISTOE

# Setor espacial precisa da iniciativa privada

Astronauta brasileiro diz que não se aposentou, sente-se abandonado nos EUA e ainda espera ser aproveitado pelo governo

Por **CLÁUDIO CAMARGO**

**O** major-aviador da reserva Marcos Cesar Pontes, o primeiro brasileiro a ir ao espaço, é um homem obstinado. Nascido em Bauru em 1963, filho de pais humildes, aos 14 anos ele fez um curso de eletrônica no Senai enquanto trabalhava na Rede Ferroviária Federal para custear os estudos. Resolveu que ia ser piloto. Tentou entrar na Escola Preparatória de Cadetes da Aeronáutica, em Barbacena,

mas não teve sucesso. Os mais velhos diziam que ele não conseguiria, pois não tinha dinheiro nem “QI” (quem indica). Estudando no meio do barulho das locomotivas da RFFSA nos intervalos do trabalho e com livros emprestados dos professores, Pontes conseguiu passar direto na Academia da Força Aérea (AFA), de Pirassununga, aos 17 anos. Daí em diante, sua carreira decolou. Virou piloto de caças supersônicos e chefe de esquadilha.

Aos 43 anos, quando começava a ficar entediado pela falta de novos desafios, inscreveu-se no programa que recrutaria o primeiro astronauta brasileiro. Em 30 de março de 2006, partiu em direção à Estação Espacial Internacional (ISS) a bordo da nave russa Soyuz TMA-8, com outros dois tripulantes – um russo e um americano – e oito experimentos científicos. Virou herói nacional, mas a glória durou pouco. Passado para a